

A USP DA PERIFERIA: A PARTICIPAÇÃO POLÍTICA CONTRIBUINDO PARA DESCONSTRUIR AS LÓGICAS ESPACIAIS

USP OF THE PERIPHERY: POLITICAL PARTICIPATION CONTRIBUTING TO CHANGE SPACE LOGICS

Adriana Santiago Rosa Dantas¹

Resumo: A Escola de Artes, Ciências e Humanidades, um campus da Universidade de São Paulo (EACH-USP) foi fundada em 2005 em um distrito da periferia da Zona Leste, Ermelino Matarazzo, no município de São Paulo. Este artigo visa discutir importância desse campus, conhecido popularmente como USP Leste, como resultado da participação política dos moradores da região, desconstruindo a lógica espaciais pela qual a periferia é entendida como um espaço de ausência de estabelecimentos desse porte.

Palavras-chave: Periferia. Participação política. Universidade pública. EACH-USP. Zona Leste de São Paulo

Abstract: The campus *Escola de Artes, Ciências e Humanidades* of the University of São Paulo (EACH-USP) was founded in 2005 on the outskirts of the East Zone in the city of São Paulo. This article aims to discuss the importance of this campus as result of the political participation, deconstructing the spatial logic by which the periphery is understood as a space of absence of such establishments.

Keywords: Periphery. Political participation. Public university. EACH-USP. East Zone of São Paulo

Introdução

A Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP) foi fundada em 2005 no distrito de Ermelino Matarazzo, na Zona Leste do município de São Paulo, contrariando a lógica urbana paulistana, instalando um equipamento público desse porte na periferia da cidade. A fronteira do distrito ao norte é feita pelo rio Tietê, que teve próximo às suas margens a instalação da antiga linha férrea Central do Brasil, onde atualmente passa a linha 12 da Companhia Paulista de Trens Metropolitanos (CPTM). Esse antigo bairro operário recebeu um intenso fluxo de migrantes internos a partir dos anos de 1940 devido a instalação de indústrias no entorno do rio Tietê e da estrada de ferro (ver mapa 1).

Estudos clássicos sobre a produção do espaço da periferia em meados do século XX em São Paulo demonstraram que o crescimento econômico da cidade foi possível devido a grande pobreza na qual a classe trabalhadora foi submetida. (CAMARGO *et al*, 1976). A periferia foi

¹ Linguista pela Unicamp. Mestre em Estudos Culturais e doutora em Educação pela USP. E-mail: novadrica@gmail.com

caracterizada como o espaço da espoliação urbana (KOWARICK, 1993;1997), em que os trabalhadores não apenas forneciam sua força de trabalho, mas também eram espoliados de infraestrutura básica, caracterizando uma superexploração.

A *periferização* como um processo de incentivar a classe trabalhadora, mesmo que não confessa como política de Estado, consistia na compra de terrenos nas franjas da cidade, resultando em construções irregulares, conhecidas como “autoconstrução”. Não havia políticas de moradias sociais pelas quais o grande contingente de migrantes internos que chegavam para trabalhar nas indústrias pudesse se beneficiar. (BONDUKI, 1994; MAUTNER, 1994; MEYER, GROSTEIN, BIDERMAN, 2004; ROLNIK, 2003).

Especificamente sobre a Zona Leste², a reestruturação urbana que entrou em curso durante o século XX pode ser caracterizada por rupturas e permanências como destaca ROLNIK e FRÚGOLI JR (2001). Como por exemplo, mesmo com certa desindustrialização, ainda permaneceu indústrias em certas regiões; apesar da gentrificação de alguns distritos. Para além do espaço da moradia da classe trabalhadora, a periferia teve o aumento do setor de serviços no seu interior. De forma geral, se produziu a heterogeneidade da periferia, ou periferias (MARQUES, 2010), como alguns autores preferem destacar na contemporaneidade.

De forma geral, esse acúmulo de estudos demonstrou que a periferia se caracterizou como um espaço de pobreza e ausência, em uma lógica espacial. A periferia foi cristalizada nas ciências sociais por esta imagem, encobrindo a agência de atores sociais que atuam para reverter tal lógica e sua importância nas disputas de representação política que redundem em transformações sociais. Não se trata de defender que a periferia não tenha sido, ou não seja ainda, o espaço da espoliação urbana, mas de compreendê-la como define Tiaraju D’Andréa pela *segregação socioespacial* que será visto mais adiante.

Assim, esse artigo visa discutir importância da EACH, um campus da Universidade de São Paulo (USP), conhecido popularmente como USP Leste, na periferia da cidade como resultado da participação política dos moradores da região, desconstruindo a lógica estabelecida de ausência de estabelecimentos desse porte. Em outras palavras, busca chamar atenção que o acesso à educação tão discutido na sociedade brasileira pode passar também pelo espaço, como fator de suma importância, fato este sinalizado, reivindicado e conquistado por causa da influência dos movimentos sociais.

² O município de São Paulo está dividido em cinco regiões: Centro, Zona Leste, Zona Oeste, Zona Norte e Zona Sul. Cada zona tem diversos distritos. A Zona Leste tem 33 distritos dos 96 totais da cidade. É a zona mais população com quase 4 milhões de habitantes no último censo do IBGE de 2010.

Conquanto, faz-se necessário apresentar o debate com o alerta crítico de Araújo e Caldas (2018) sobre a má integração da USP Leste com a população local. Consoante os autores: “Isso não significa que sejam equipamentos mal localizados ou dispostos com ausência de planejamento; mas que compõem parte de uma tradição do que se poderia chamar de conquistas cidadãs pela metade” (ARAÚJO, CALDAS, 2018).

Esse texto retoma uma parte da discussão realizada na dissertação de mestrado, intitulada *Por dentro da quebrada: a heterogeneidade social de Ermelino Matarazzo e da periferia* (DANTAS, 2013)³. Naquela pesquisa foram realizadas entrevistas com moradores de Ermelino Matarazzo. Dentre os vários assuntos discutidos, a participação política da comunidade veio à tona pelos diversos atores e o tópico da USP surgiu em alguns momentos. Foram entrevistados lideranças locais como das antigas Sociedades de Amigos de Bairro (SABs), o líder paroquial Antonio Marchionni, conhecido como padre Ticão⁴, um líder do antigo Fórum de Educação da Zona Leste, o professor Elie Ghanem⁵, que concederam entrevistas assinando um termo de cessão, com exceção do padre que não assinou mas autorizou a divulgação da entrevista. Os nomes foram trocados pelo acordo de sigilo, exceto do padre Ticão que é um líder conhecido regionalmente e citado pela maioria dos entrevistados e do professor Elie do Fórum de Educação por se tratar de conhecimento público o seu envolvimento no fórum. Foram utilizados ainda dados de matrículas de ingresso por zona de São Paulo na USP para discussão nesse artigo. Esses dados são da FUVEST (Fundação Universitária para o Vestibular), coletados pela professora Graziela Serroni Perosa participante do Observatório Interdisciplinar de Políticas Públicas Professor Doutor José Renato de Campos Araújo (OIPP)⁶, sediado na EACH-USP, que fez um estudo preliminar ainda não publicado sobre o tema.⁷

O artigo está dividido em quatro seções. A primeira discute a segregação socioespacial. Em seguida, apresenta-se um breve histórico das lutas por educação na Zona Leste. Na terceira seção argumenta-se sobre a inversão da lógica da distância como demanda espacial da educação. A quarta parte que encerra o texto faz o questionamento o quanto a USP é da periferia.

³ Dissertação defendida na EACH-USP com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

⁴ O padre chegou à Ermelino Matarazzo em 1982 para ser pároco da Igreja São Francisco de Assis. Ele é um dos conhecidos líderes do distrito, que participou ativamente de vários movimentos populares na região.

⁵ Atualmente é professor de sociologia da educação na Faculdade de Educação da USP.

⁶ Site oficial está disponível em < <http://www5.each.usp.br/web/prof/oipp/>> Acessado em 14 de maio de 2019

⁷ Agradeço a Graziela Perosa por conceder gentilmente parte dos dados compilados e organizados desta pesquisa.

A segregação socioespacial da periferia

Para Marques (2005), a segregação urbana pode ser caracterizada por processos heterogêneos pelos quais (re)produzem as desigualdades sociais no espaço urbano, concentrando e separando grupos sociais. Tais processos podem ser separados em três aportes diferentes. O primeiro diz respeito ao gueto e cidadelas, no qual há uma separação extrema de grupos sociais menos favorecidos como no caso da África do Sul na época do *apartheid* em relação aos bairros negros. Neste aporte, o autor inclui a autosegregação de grupos abastados como nos enclaves fortificados. No Brasil, as periferias não se enquadrariam nesta classificação. A segregação também é entendida como desigualdade de acesso de condição de vida de maneira geral, em um segundo aporte do conceito, isto é, há acessos desiguais a oportunidades e serviços no espaço urbano. Por outro lado, em um terceiro sentido, a segregação é tomada como separação no espaço urbano a partir da homogeneidade interna de determinados grupos sociais e da sua heterogeneidade externa em relação a outros. No caso brasileiro, o conceito é utilizado dentre os dois últimos sentidos. Para o autor, ambos os casos são compatíveis, na verdade, abordam a problemática por focos diferentes.

É na segunda proposição apontada acima que a *segregação socioespacial* proposta por D'Andrea (2008) se insere, pois não se trata apenas de segregação espacial que vai além da separação econômica entre ricos e pobres, pois também se insere sobre a forma de apropriação de espaços na cidade. Para o autor, a produção do espaço está vinculada à distribuição social da riqueza decorrente de um processo histórico-social, o qual ele denomina de *segregação socioespacial*. Uma das maneiras de caracterizá-la se refere aos preços dos terrenos de cada localização que permitem separar e expulsar pessoas a partir do poder ou não de compra. Assim, a expulsão econômica de uma localidade é um típico processo da segregação socioespacial. Em outro estudo, o autor discorre sobre o tema relacionado à periferia:

A experiência social compartilhada do *sentir-se periférico* é fundamentalmente urbana. Morar na periferia se contrapõe a habitar regiões mais bem estruturadas da cidade e com melhor poder aquisitivo. É possuir uma experiência urbana calcada fundamentalmente na *segregação socioespacial*, com grandes deslocamentos pela cidade no trajeto trabalho moradia ou mesmo quando da procura de serviços somente oferecidos em bairros melhor estruturados. Esta experiência de *segregação socioespacial*, marcada fundamentalmente pelo deslocamento na cidade, pode se erigir por meio da utilização do automóvel e de uma rotina de trânsito, mas na maioria dos casos se expressa na utilização de transportes públicos, com certo nível de precarização e ratificador das grandes distâncias com a qual se estrutura a *urbe paulistana*. Tal experiência compartilhada de percepção da urbe também se expressa nas dificuldades no mercado laboral, no acesso a serviços públicos de qualidade, nas opções de lazer e cultura distribuídas de maneira desigual pela cidade. (D'ANDREA, 2013, p.139, grifo do autor)

Há várias questões a se destacar desse trecho. A primeira e a mais importante para este artigo diz respeito aos grandes deslocamentos a que são submetidos os moradores da periferia. Para ir ao trabalho ou a equipamentos de cultura, lazer ou mesmo de saúde, faz-se necessário sair de seus bairros para acessá-los. Em outras palavras, há uma disputa nesse processo que qualifica os moradores da periferia pelas distâncias percorridas para o trabalho e pela capacidade de acesso a bens materiais e culturais cujos serviços estão distantes devido a posição dominada. Evidentemente, tal segregação não é uma separação em guetos, isto porque os moradores desta localidade muitas vezes circulam muito mais pela cidade se comparados aos moradores das localidades centrais ricas em serviços, conhecendo muito mais as diversas facetas urbanas da cidade e suas desigualdades espaciais. Por um lado, estes habitantes das áreas dominantes, geralmente, circunscrevem sua circulação aos diâmetros vizinhos pois trabalho e vida social se localizam em suas proximidades.

À luz da segregação socioespacial, a lógica da periferia é a ausência de equipamentos culturais como um campus de uma universidade pública. Dito de outro modo, o “sentido” da produção do espaço de uma metrópole como São Paulo se constituiu na distribuição desigual de tais equipamentos, que não se circunscreveria no mapa da periferia de São Paulo se não fosse a agência dos movimentos sociais por educação para inverter essa lógica.

A tradicional luta da Zona Leste por educação

Há uma forte tradição de luta em geral, de várias pautas, na Zona Leste retratada na literatura. Eder Sader (1988) discorreu sobre este fato como novos personagens que entraram em cena como sujeitos coletivos representados pela classe trabalhadora que demandaram do poder público pautas de seu interesse. Há alguns exemplos como as Sociedades de Amigos do Bairro (SABs) que reivindicaram infraestrutura e educação (SPOSITO, 2002; DANTAS, 2018; DANTAS, PEROSA 2013; DUARTE, FONTES, 2004; PEROSA et al, 2015; PEROSA, DANTAS, 2017); assim como as lutas por creches liderada pelas mulheres da periferia (GOHN, 1985), por moradia (ANDRADE, 1989; IFFLY, 2010) e por um sistema de saúde público (SADER, 1988)⁸.

A instalação da USP Leste foi um processo permeado por “um forte movimento de suas comunidades, que se organizaram para debater e discutir as questões da educação pública em geral” (PEROSA, SANTOS & MENNA-BARRETO, 2011, p.42). Mesmo após a instalação

⁸ A síntese dessas lutas foi discutida na tese de Dantas (2018) e no artigo de Dantas e Setton (2019) no prelo.

deste novo campus da USP, a mobilização por mais equipamentos públicos de ensino superior continuou na região, sendo uma das bandeiras atuais. Disso resultou a implantação parcial do campus Instituto das Cidades da Universidade Federal de São Paulo (IC-Unifesp) na Zona Leste em 2014.⁹

A reivindicação por uma universidade pública na Zona Leste tem um histórico que data dos anos de 1980. Havia intensa mobilização por educação nos diversos níveis. O professor Elie Ghanem, ao ser entrevistado no campus da USP Leste, assim relembra:

Como as reivindicações do movimento pela educação eram principalmente pela ampliação dos serviços, da oferta, isso chegou a um ponto de reivindicar a criação de uma universidade da Zona Leste. [...] A universidade da zona leste foi um pouco incentivada pelo Paulo Freire que foi convidado para algumas atividades aqui, para visitar aqui. [...]. Esse espaço público que foi reivindicado pelo movimento, a USP leste, este lugar que estamos aqui confortavelmente instalados, que estou aqui falando com você, resultou de uma conjunção histórica da reivindicação do movimento pela universidade pública na Zona Leste do qual o Fórum de Educação participou muito, como uma sensibilidade do governo do Estado, muito motivado eleitoralmente, o governador Alckmin. Era a época que estava se aproximando novamente a eleição e havia a mobilização aqui. Essa mobilização foi uma trajetória que primeiro foi a derrotada luta por uma universidade pública da Zona Leste no final dos anos 80, depois houve negociações, aproximações com a UNESP, primeiro uma boa acolhida da reitoria da UNESP, mas houve mudança da reitoria da UNESP e tudo foi por água abaixo. Depois houve a mesma aproximação com UNIFESP, com a Escola Paulista de Medicina, primeiro com origem na UNIFESP, também bons entendimentos com a reitoria, mudou de reitor e acabou. Depois em 2001, o Fórum de Educação da Zona Leste, propôs um dos temas dessa reunião, foi justamente a possibilidade de instalação de um Campus da USP na Zona Leste. Chamamos, convidamos a professora Sonia (Penin) que era a pró-reitora de graduação, ela veio no debate, várias posições foram colocadas e ela aceitou a nossa visão de que seria preciso estudar as possibilidades da USP se instalar aqui na Zona Leste. Foi proposto nessa reunião que se criasse um grupo de trabalho conjunto com pessoas do fórum e pessoas da universidade. Nunca houve a primeira reunião desse grupo de trabalho, porque o reitor se antecipou e criou um grupo de trabalho interno só com docentes da USP. (Elie Ghanem, entrevista concedida em 2012).

Ghanem rememora as diversas articulações com as diferentes universidades públicas paulistas em busca de ampliação de seus campi do lado leste de São Paulo por mais de 20 anos até se concretizar no novo milênio. O Fórum de Educação da Zona Leste mencionado pelo

⁹ O histórico desta conquista pode ser acessado no site oficial da instituição. Disponível em: <<http://www.unifesp.br/campus/zonaleste/institucional/institucional-titulo/sobre-o-campus/historico>> Acessado em 19 de abril de 2019.

professor foi criado em 1993 como uma articulação de diversas ações que emergiram das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) da Igreja Católica:

O Fórum de Educação da Zona Leste foi constituído em [19]93, durante uma greve longa de docentes estaduais. Mas antes dele, o assim chamado Movimento [da Educação] da Zona Leste, ele tem origem em uma série de ações que emergiram de grupos de base da Igreja Católica. Grupos de base que contavam com apoio de sacerdotes católicos, um dos quais muito envolvido e engajado até hoje, passou a exercer uma liderança muito marcante, é o padre Ticão. (Elie Ghanem, entrevista concedida em 2012)

Assim, a USP Leste foi implantada no mandato do governador Geraldo Alckmin (2001-2006), devido a uma abertura política que poderia resultar em benefícios eleitorais. Antes da escolha final de onde seria a sede da EACH, os distritos de São Miguel e Itaquera foram considerados. O Parque do Carmo, em Itaquera, era o mais cotado. No entanto, por questões ambientais foi preterido por essa localidade que pertencia ao governo do Estado de São Paulo (GOMES, 2005).

Sobre a liderança da Igreja Católica, outra entrevistada, a Eliane, que participava das Sociedades de Amigos do Bairro de Ermelino Matarazzo (SAEM) também indica a importância do padre Ticão, assim como o professor Ghanem, como liderança para articular os diferentes grupos que existiam no interior de Ermelino Matarazzo¹⁰:

As lutas, para falar a verdade elas foram com o Ticão, ele que começou a ter essas lutas para as casas. Aí começou, eu não entrava nesse meio não, só comecei a entrar quando foi para a USP porque na [rua] Vitória Simionato tem a SAEM que é a sociedade de amigos. (Eliane da SAEM, entrevista concedida em 2012).

As mobilizações conjuntas tiveram certa força política que culminaram na instalação da tal almejada universidade pública em 2005. O neto de Eliane se bacharelou em Gestão de Políticas Públicas na USP Leste. Por isso, ao comentar sobre o campus, assim sintetizou: “*Aí surgiu também a USP aqui, que foi uma benção para gente*”.

Invertendo a lógica da distância

Tem se discutido muito sobre a importância do acesso ao ensino superior às camadas populares. A inovação da proposta advinda da participação política do Fórum da Zona Leste é

¹⁰ Estas diferenças foram discutidas no artigo de Dantas e Perosa (2013)

que esse acesso não seja apenas material e simbólico, mas que fosse também espacial. Presume-se que o entendimento por parte dos movimentos sobre o ingresso ao Ensino Superior não tenha considerado que o processo seletivo favorecesse aqueles com um percurso escolar que os preparassem para tal. Estudos como de Almeida (2009) demonstram que os oriundos de escola privada são os que mais chegam às universidades públicas. Não se pensou naquele momento, por exemplo, reivindicar a separação de vagas para estudantes de escola pública como aconteceu com a Lei 12.711/2012, conhecida como a lei de Cotas, que também incluiu o fator racial. Contudo, a proposta espacial da universidade no território onde os mais pobres estão é uma inovação proveniente da participação política e da demanda por educação pública de qualidade, da creche à universidade, desde o século XX.

Tanto o padre Ticão quanto o professor Ghanem como antigos atores, questionam o reconhecimento da importância da participação política na inversão das lógicas estabelecidas, especialmente ao que tange à própria concepção da universidade:

As insatisfações e frustrações coexistem com a expectativa positiva, e que conta com perceptível propagação, de que as atividades acadêmicas beneficiem as comunidades locais. Contudo, é rara e quase inexistente a preocupação inversa, ou seja: qual a importância das comunidades locais para o desenvolvimento das atividades acadêmicas? (Ghanem & Marchioni, 2005, p.199).

A resposta ao questionamento acima diz respeito ao fato de que a participação política contribuiu para a inovação da Universidade de São Paulo. O protagonismo desses agentes concebeu a USP Leste como um direito que se materializou no espaço da periferia. Contudo, como foi alertado no início, é necessário discutir essa materialidade como uma “conquista cidadã pela metade”.

A USP Leste é da periferia?

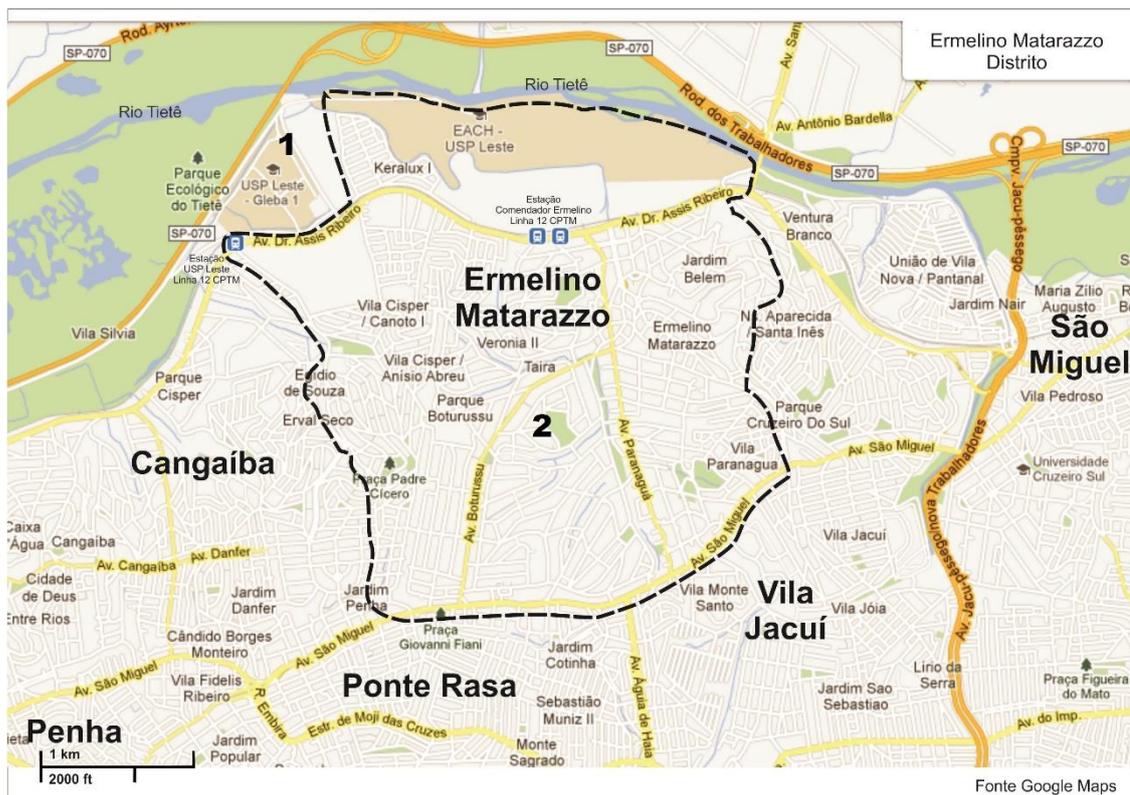
Ao que diz respeito à sua localidade espacial, a pergunta se a USP Leste é da periferia pode ser respondida afirmativamente. Dito de outro modo, ela é, pois está na periferia, constituindo-se um equipamento qualificado como um campus de uma das maiores universidades brasileiras.

Entretanto, há uma heterogeneidade da periferia como um todo, inclusive internamente nos distritos como em Ermelino Matarazzo, onde está a EACH. Essa discussão foi realizada por Dantas (2013), que demonstrou que o distrito passou por diversos processos que valorizaram algumas regiões mais do que outras. Um dos bairros mais valorizados de Ermelino Matarazzo é o Parque Boturussu (ver Mapa 1, número 2) onde há casas que são vendidas por

até R\$ 800 mil no ano de 2019. Esta localidade recebeu as primeiras escolas privadas ao longo dos anos de 1990 (PEROSA & DANTAS, 2017; DANTAS, 2018, p. 167-172), além de ter vários serviços como bancos, lojas de franquias, academias de ginástica, dentre outros.

A USP Leste está na fronteira entre os distritos de Ermelino Matarazzo e Cangaíba (ver Mapa 1, número 1). No mapa da cidade, ela está em Cangaíba, porém a instituição adere seu endereço a Ermelino Matarazzo. Segundo Dantas (2013), essa região se diferencia do Parque Boturussu, pois foi formada por ocupações que foram sendo realizadas entre o rio Tietê e a CPTM. A avenida Assis Ribeiro acompanha o traçado da linha férrea, como o segundo limite espacial das moradias irregulares que foram sendo construídas ao longo do século XX. Assim, a USP Leste está em uma região de ocupação, menos valorizada economicamente e simbolicamente (imagem 1).

Imagem 1 – São Paulo: as regiões de Ermelino Matarazzo



Fonte: Google Maps – adaptado.

À direita da USP Leste está o Jardim Keralux, terreno de uma antiga fábrica de azulejos que faliu nos anos de 1970, que sofreu um processo de grilagem, tendo seu terreno cedido ao

Banco do Brasil em 1977¹¹. Ela também faz divisa, à esquerda, com o Parque Ecológico do Tietê, uma área de proteção ambiental (APA).

Na percepção de outro entrevistado, Damião, morador do centro de Ermelino Matarazzo, sem histórico de participação política, a USP Leste serviu como uma barreira para limitar as “invasões” que ameaçavam o Parque Ecológico:

Se não tivesse a faculdade, pelo amor de Deus, era para estar chegando [a ocupação] no [Parque] Ecológico, lá no campo do Corinthians, da Portuguesa. Não fizesse nada ali para você ver uma coisa. Então é assim que funciona. Aí foi acabando tudo, acabando [a indústria Keralux] e o povo invadindo.

Há certo isolamento do Jardim Keralux devido aos muros da CPTM de um lado e o rio Tietê e a Rodovia Airton Senna do outro lado. Algumas das expectativas da chegada da USP era de ordem prática, de que ela beneficiaria seus vizinhos (MEDINA, 2004). Um exemplo se referia ao transporte coletivo, pois não havia uma estação da CPTM na região e o entorno da EACH receberia uma que beneficiaria a comunidade.

De fato, a instalação de mais uma estação permitiu mais acessibilidade para a mobilidade via linha férrea para os que estão perto do campus. Porém, Araújo e Caldas (2018) criticam o que eles denominaram de “conquista cidadã pela metade” ao analisar como se dá a mobilidade na região¹². Empréstimo essa concepção à conquista da estação da USP Leste para os moradores da Keralux, pode-se deduzir o mesmo. Isto porque ao se conceber a estação, não se pensou em fazer uma ligação entre o bairro e a estação como pode ser visto na figura 1. A estação USP Leste (1) tem duas entradas, uma ponte que liga a estação ao campus e uma rampa de acesso (2) à Avenida Doutor Assis Ribeiro (4). O limite do bairro Keralux (3), que faz fronteira com o campus, poderia ter recebido uma rampa de passagem que facilitaria a entrada à estação por seus moradores por dentro do bairro, o que não aconteceu. Para que eles cheguem à única entrada da CPTM é preciso atravessar uma passarela (5) até a Assis Ribeiro, sendo necessário andar 800 metros, por fora do Keralux, até à estação (imagem 2).

¹¹ Fonte: Acervo *O Estado de São Paulo*, 18 de janeiro de 1972. Caderno Geral, p.36; *O Estado de São Paulo*, 17 de dezembro de 1997. Caderno Cidades, p.21

¹² Os autores exemplificam este fato com os investimentos como a linha 13 Jade da CPTM que liga o município de Guarulhos e o aeroporto ao município de São Paulo. Para os autores, a forma como foi concebido a malha férrea leva os usuários a fazerem inúmeras baldeações para atravessar a cidade.

Imagem 2 - Estação USP Leste e seu entorno



Fonte: Google Maps – Foto de Satélite

Deduz-se que a estação USP Leste veio para beneficiar mais a universidade do que a comunidade Keralux. Por isso, a conquista cidadã pela metade remete ao questionamento até que ponto a USP é da periferia. É o que questionou o padre Ticão sobre a apropriação dos moradores ao campus: *“Eu acho assim, a USP por exemplo, ela ainda não se integrou ao bairro. Ela tá de um lado, a comunidade está do outro”*.

Imagem 3 - Única saída da linha 12 da CPTM

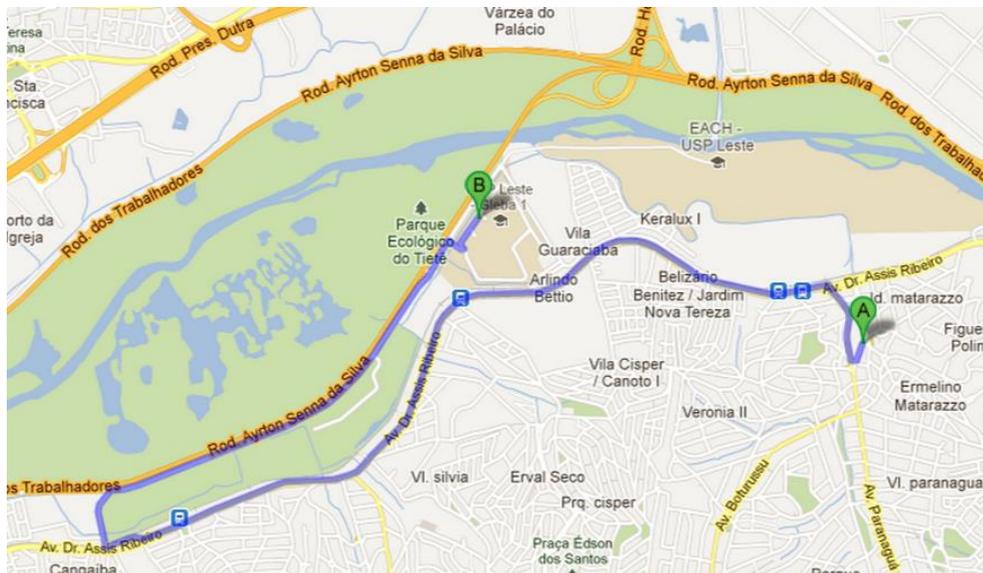


Foto: Adriana Dantas (2012)

De certa forma, a EACH se constituiu como um tipo de entrave fortificado (CALDEIRA, 2003), pois controla-se o ingresso ao campus, dificultando simbolicamente a entrada dos vizinhos, até para fazê-la de atalho para a entrada na estação, quanto mais para frequentá-lo como um equipamento cultural do seu território.

Outro fato que pode ser apontado como uma conquista cidadã pela metade para os moradores da periferia foi conceber apenas uma entrada por rodas pela rodovia Airton Senna, que beneficia os moradores de outras regiões. Os próprios habitantes de Ermelino e de outros distritos mais ao leste precisam fazer o seguinte percurso via avenida Assis Ribeiro:

Imagem 4 - USP Leste: percurso de carro



Fonte: Google Maps

O ponto A do mapa é a praça 1º de Maio no centro de Ermelino Matarazzo e o ponto B é a portaria 1 da USP Leste, a única entrada oficial de carros particulares. A distância entre a praça até a estação da CPTM é de 3 km. No entanto, para estacionar um veículo dentro do campus é necessário percorrer mais 7 km, totalizando 10 km ao todo. O acesso espacial concebido para a EACH sinaliza aos seus vizinhos que ela foi projetada para os que são de fora da Zona Leste.

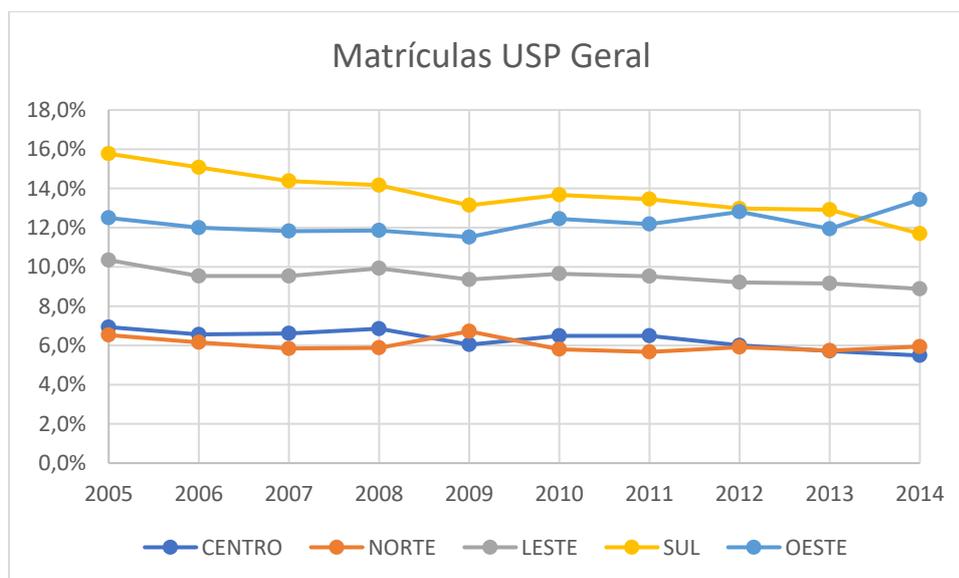
Todavia, a USP Leste é um ganho para a região. Ela representa transformações na concepção do lugar de uma universidade pública concebida por agentes que veem o ensino superior como direito. Outra crítica realizada pelo padre Ticão foi do desconhecimento dos moradores da periferia sobre o campus:

É um pouco amplo, mas eu acho assim que há um desconhecimento enorme. Eu costumo dizer assim, se você sair da USP Leste e quem você for

encontrando no caminho, for perguntando quais são os cursos da USP Leste, o que você acha da USP Leste. Você vai caminhando, você sobe o Verônia, vai na Boturussu, pega a Avenida São Miguel, sai em Itaim, Guaianazes, Cidade Tiradentes, você dá uma volta, se você encontrar 10 pessoas que saibam o que tem dentro dessa USP, merece um prêmio. (Padre Ticão, entrevista 2012)

A percepção empírica do padre Ticão levanta tal hipótese e abre questões para mais pesquisas sobre o impacto da USP Leste no entorno, isto é, para responder se o campus é da periferia no sentido da apropriação por parte dos moradores desse equipamento em seus territórios. Os dados da Fuvest sinalizam um fenômeno interessante. Com esses dados foi possível fazer uma série histórica desde 2005, data da fundação da USP Leste, até o ano de 2014, sobre os ingressantes da USP em geral e da EACH, a USP Leste, pelas cinco regiões pelas quais o município de São Paulo está dividido: Leste, Oeste, Centro, Norte e Sul, desconsiderando as matrículas de outros municípios do Estado de São Paulo e do Brasil.

Gráfico 1 – USP: matrículas em geral (2005-2014)



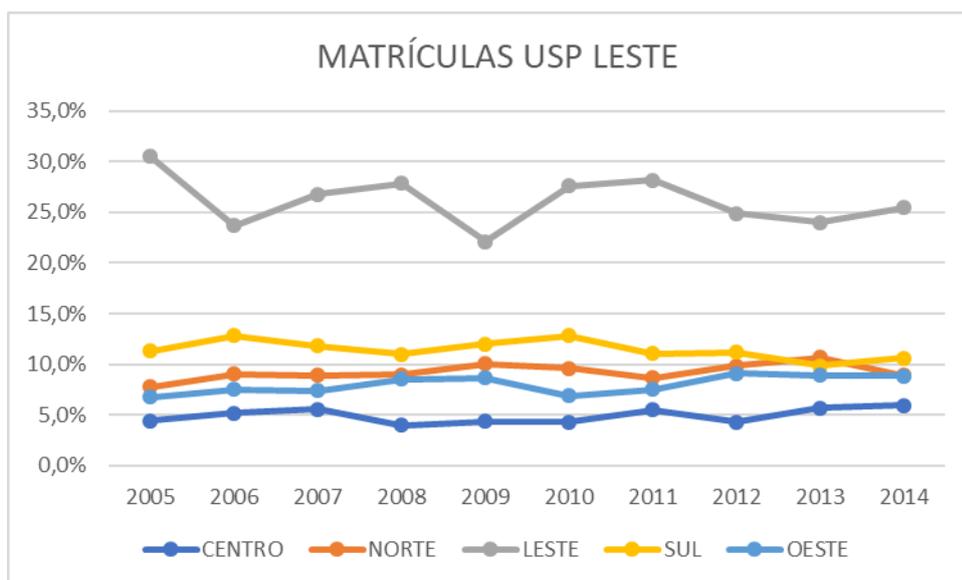
Fonte: Fuvest (elaboração própria).

As matrículas da USP em geral, desde o ano de 2005 de implantação da USP Leste, indicam maior porcentagem de alunos provenientes da Zona Sul e Zona Oeste. Esta região denominada de Quadrante Sudoeste¹³ é a parte mais rica da cidade, onde estão os colégios privados que mais aprovam estudantes para as universidades de elite (ALMEIDA, 2009). A

¹³ O quadrante sudoeste tem os maiores índices de desenvolvimento humano (IDH) no município de São Paulo, onde estão os distritos de Moema, Morumbi, Jardim Paulista, Pinheiros, Itaim Bibi e Alto de Pinheiros, região mais rica da cidade (Villaça, 2012, p.55).

porcentagem dos alunos da Zona Leste está entre 8% e 10%, incluindo as matrículas da EACH. Não obstante, ao verificar como essa porcentagem se apresenta na USP Leste, há uma super-representação no campus entre 20% e 27%, tendo uma excepcionalidade no ano de 2005 de 30%. Os dados indicam que a presença do campus tem beneficiado os moradores da região.

Gráfico 2 – USP Leste: matrículas (2005-2014)



Fonte: Fuvest (elaboração própria).

Os dados preliminares de matrículas de moradores da Zona Leste no campus da USP Leste mostram que eles estão super-representados nesta unidade. Por um lado, isso indica que a presença de um equipamento desse porte, como demandou os movimentos sociais, beneficiou especialmente os estudantes que habitam na Zona Leste. É um ganho social inverter as lógicas espaciais, principalmente em um município como São Paulo em que as distâncias se convertem em peso de tempo, saúde e da mobilidade em geral.

Por outro lado, é importante salientar as limitações desses dados em relação à democratização de acesso ao ensino superior e a necessidade de mais pesquisas sobre o tema. A entrada via vestibular traz um recorte econômico convertido em capital cultural, pois o percurso escolar daqueles que adentram à universidade foram preparados para tal pela sua família (BOURDIEU, 1998). Isso indica que para além da localidade há outros fatores que incidem sobre a entrada na universidade pública. O complexo espaço das desigualdades educativas na cidade (PEROSA, LEBARON, LEITE, 2015) permitem compreender diversas nuances, inclusive em regiões denominadas de periferia, nos quais o capital cultural acumulado

pela família dá mais chances de acessos à universidade. Entretanto, busca-se salientar neste artigo, a importância dos movimentos sociais em incluir o espaço geográfico como parte do acesso à educação de qualidade, no nível superior.

Referências

ANDRADE, Cleide Lugarini. **As lutas sociais por moradia de São Paulo: a experiência de São Miguel Paulista e Ermelino Matarazzo**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1989.

ALMEIDA, Ana Maria Fonseca. **As escolas dos dirigentes paulistas: ensino médio, vestibular, desigualdade social**. Belo Horizonte: Argumentvm, 2009.

ARAÚJO, José Renato de Campos; CALDAS, Eduardo de Lima. Mobilidade e integração metropolitana. Campus USP Leste e a Região Metropolitana Leste de São Paulo. **Minha Cidade**, São Paulo, ano 18, n. 215.04, Vitruvius, jun. 2018 <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/18.215/7036>>.

BONDUKI, Nabil Georges. Origens da Habitação Social no Brasil. In: **Análise Social**, v. XXIX (127), (3º), p. 711-732, 1994.

BOURDIEU, Pierre. A Escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura In: NOGUEIRA, Maria Alice & CATANI, Afrânio (orgs). **Escritos de educação**. 7ª. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998

CAMARGO, Candido Procópio Ferreira de; CARDOSO, Fernando Henrique; MAZZUCHELLI, Frederico; MOISÉS, José Álvaro; KOWARICK, Lúcio; ALMEIDA, Maria Hermínia Tavares; SINGER, Paul Israel; BRANT, Vinícius Caldeira. **São Paulo 1975: crescimento e pobreza**. 5ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 1976.

D'ANDREA, Tiarajú Pablo. **A Formação dos Sujeitos Periféricos: Cultura e Política na Periferia de São Paulo**. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

_____. **Nas tramas da segregação: o real panorama da Polis**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Sociologia Universidade de São Paulo, 2008.

DANTAS, Adriana Santiago Rosa. **As escolas privadas da periferia de São Paulo: uma análise desde a colonialidade do poder à brasileira**. 2018. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-15042019-172746/>>. Acesso em: 2019-04-26.

_____. **Por dentro da quebrada: a heterogeneidade social de Ermelino Matarazzo e da periferia**. 2013. Dissertação (Mestrado em Estudos Culturais) - Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. doi:10.11606/D.100.2013.tde-29082013-230632. Acesso em: 2019-04-19.

DANTAS, Adriana Santiago Rosa; PEROSA, Graziela Serroni. Participação política na periferia leste de São Paulo: memória de antigos moradores (1940-1980). **Resgate**, Unicamp, Campinas/SP, v. XXI, 25-26, p.27-38, jan./dez. 2013.

DANTAS, Adriana Santiago Rosa; SETTON, Maria da Graça Jacintho. Atores de resistência na periferia: disputas por representatividade na cidade de São Paulo. **Passages de Paris**, Paris, 2019 (no prelo).

DUARTE, Adriano Luiz; FONTES, Paulo. O populismo visto da periferia: adhemarismo e janismo nos bairros da Mooca e São Miguel Paulista (1947-1953). **Cadernos Arquivo Edgard Leuenroth** (Unicamp), v.11, n. 20/21, p. 85-123, 2004.

GHANEM, Elie & MARCHIONI, Antônio Luiz. A USP Leste e a contribuição de comunidades locais para a inovação das comunidades universitárias. **USP Leste: a expansão da Universidade do Oeste para o Leste**. Celso de Barros Gomes (org.) São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005. p. 197-211

GOHN, Maria da Glória. **A força da periferia: a luta das mulheres por creches em São Paulo**. Petrópolis: Vozes, 1985.

GOMES, Celso de Barros (org.). **USP Leste: a expansão da Universidade do Oeste para o Leste**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

IFFLY, Catherine. **Transformar a metrópole: Igreja Católica, territórios e mobilizações sociais em São Paulo 1970-2000**. São Paulo: Editora UNESP, 2010

KOWARICK, Lúcio. **A espoliação urbana**. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

_____. Espoliação urbana, lutas sociais e cidadania: fatias de nossa história recente. In: **Espaços & Debates: Revista de Estudos Regionais e Urbanos**. São Paulo, Ano XVII, n. 40, 1997.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

MAUTNER, Yvonne. A periferia como fronteira de expansão do capital. In: DEÁK, Csaba; SCHIFFER, Sueli Ramos (orgs.). **O Processo de Urbanização no Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

MARQUES, Eduardo. Elementos conceituais da segregação, da pobreza urbana e da ação do Estado. In: _____, TORRES, Haroldo (orgs.). **São Paulo: segregação, pobreza e desigualdades sociais – São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2005. p 19-56.**

_____. **Redes Sociais, Segregação e Pobreza em São Paulo**. São Paulo: Editora Unesp; Centro de Estudos da Metrópole, 2010.

MEDINA, Cremilda (org.). **USP Leste e seus vizinhos**. São Paulo: ECA/USP, 2004.

MEYER, Regina Maria Prospero; GROSTEIN, Maria Dora; BIDERMAN, Ciro. **São Paulo Metrópole**. São Paulo: Edusp: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004.

PEROSA, Graziela Serroni. **Escola e Destinos Femininos**: São Paulo (1950/1960). Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2009.

PEROSA, Graziela Serroni; DANTAS, Adriana Santiago Rosa. A escolha da escola privada em famílias dos grupos populares. **Educação e Pesquisa**, v. 43, n. 4, p. 987-1004, 1 dez. 2017.

PEROSA, Graziela Serroni; DANTAS, Adriana Santiago Rosa; MARCON, Helena de Souza; CRUZ, Isamara Lopes Rocha. Transformations des classes populaires et de l'offre scolaire à São Paulo, **Brésil(s)**, Paris, p. 97-121, n.8, 2015.

PEROSA, Graziela Serroni, LEBARON, Frédéric, LEITE, Cristiane Kerches da Silva. O espaço das desigualdades educativas no município de São Paulo. **Pro-Posições**. Campinas/SP, v. 26, n. 2 (77), p. 99-118, mai./ago. 2015.

PEROSA, Graziela Serroni; SANTOS, Gislene Aparecida; MENNA-BARRETO, Luiz. Desafios da democratização do Ensino Superior. A USP no lado leste da cidade. In: SANTHIAGO, Ricardo; MAGALHÃES, Valéria Barbosa de. (Org.). **Memória e Diálogo**: escutas da Zona Leste, visões sobre a história oral. São Paulo: Letra e Voz: FAPESP, 2011. p. 41-60.

ROLNIK, Raquel. **A cidade e a lei**: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo. 3ª. ed. São Paulo: Studio Nobel: Fapesp, 2003.

ROLNIK, Raquel; FRÚGOLI JR., Heitor. Reestruturação urbana da metrópole paulistana: a Zona Leste como território de rupturas e permanências. **Cadernos Metrópole**, n. 6, pp. 43-66, 2º sem. 2001.

SADER, Eder. **Quando novos personagens entraram em cena**: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo, 1970-80. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SPOSITO, Marília Pontes. **O povo vai à escola**. A luta popular pela expansão do ensino público em São Paulo. 4ª Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

VILLAÇA, Flávio. **Reflexões sobre as cidades brasileiras**. São Paulo: Studio Nobel, 2012.

*Recebido em 24 de abril de 2019.
Aceito em 03 de junho de 2019.*